

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - 1902/2002

José Sebastião WITTER

O tempo correu. Se vivo, Sérgio Buarque de Holanda estaria completando cem anos, neste novo século e novo milênio. Não sei, mas acho que o Dr. Sérgio não gostaria de ser ‘um homem do século passado’. Lembrá-lo, através de sua obra e de sua maneira de ser é a melhor maneira de homenageá-lo. Sérgio Buarque de Holanda foi e continuará sendo um marco na vida cultural e intelectual deste país, cada vez mais carente de personagens como ele.

Tudo quanto fez é de qualidade. Consagrou-se muito cedo com sua obra “Raízes do Brasil”, escrita e editada, pela primeira vez, na década dos anos trinta do século XX e sobre ela quem melhor escreveu foi Antônio Cândido, num prefácio, com o título ‘O Significado de Raízes do Brasil’ e que passou a integrar a obra depois de sua primeira inserção no livro de Sérgio. Do mestre Antônio Cândido extraio este trecho:... “A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais de sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar.

Os homens que estão hoje (o ano é de 1986) um pouco para cá ou um pouco para lá de cinquenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, publicado quando

estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior. São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução da 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo...” Como o próprio Antônio Cândido diria, em outro trecho: “...*Raízes do Brasil*, (foi) concebido e escrito de modo completamente diverso. Livro curto, discreto, de poucas citações, atuaria menos sobre a imaginação dos moços. No entanto, o seu êxito de qualidade foi imediato e ele se tornou um clássico de nascença.”

Sérgio Buarque de Holanda é, ainda hoje, um dos historiadores brasileiros mais fecundos. É, sem dúvida, o intelectual que melhor radiografou o Brasil e o analisou, em diferentes obras e em diferentes momentos da nossa História. A extensa e profunda obra de Sérgio tem sido avaliada e sobre ela a historiadora e professora Maria Odila Leite da Silva Dias já fez uma análise que me parece definitiva. Como ressaltai *Raízes do Brasil*, pôr tudo que ela representou e representa é uma obra muito especial, porém outros livros também do autor são fundamentais para se conhecer o historiador, o escritor e o homem Sérgio Buarque de Holanda. Dentre tantos, ressalto *Caminhos e Fronteiras*, *Monções e Visão do Paraíso*.

Cada uma dessas obras estuda um aspecto diferenciado da vida social, econômica e política do homem brasileiro, inserido em etapas diversas e diferenciadas de sua História. No primeiro é evidenciada e, talvez pela primeira vez, a cultura material como objeto de estudo e parte integrante da vida dos habitantes da terra no início de nossa ocupação e expansão para o oeste. O segundo livro citado, *Monções* é uma obra muito especial por cuidar de um movimento muito pouco estudado, à época, porque confundido com o bandeirismo. Sérgio demonstrou, com propriedade e erudição, a sutil diferença entre as bandeiras, desbravadoras e povoadoras do nosso sertão, e as monções, expedições comerciais que, saindo de Porto Feliz, em São Paulo, abasteciam as regiões mineradoras no interior do Brasil. O livro *Monções*, quando publicado foi também lançado em Porto Feliz que, pôr tradição e respeito ao historiador edita, todos os anos, a *Semana das Monções*, que é organizada pelos poderes constituídos da cidade e pela população. Sempre a semana se encerra com uma

representação e desfile público que recupera o embarque dos monçoeiros. De Porto Feliz iam, pelo Tieté, buscando as regiões ribeirinhas povoadas e as zonas de mineração. É um evento marcante e que diz muito da importância da obra de Sérgio e de sua preservação não só como documentos que são guardados no *Museu das Monções* (de Porto Feliz) mas também, e principalmente, no imaginário popular de toda aquela região do interior de São Paulo.

Já *Visão do Paraíso* é um livro especial, excepcional e marcante, o mais erudito de todos os que citei. Sobre ele basta dizer isto. Escrever mais seria ousadia e falta de bom senso. É preciso conhecer muito mais do sei para poder falar muito pouco. É preciso dizer, para finalizar, que é obra indispensável... Não trabalharei os textos e o conjunto da obra de Sérgio Buarque de Holanda pôr não me sentir qualificado para fazê-lo. Quero, no entanto, lembrar, mais uma vez, que a extensa e intensa produção deste historiador incomparável é muito rica e imprescindível para o conhecimento de nossa sociedade e da história de nosso país.

Por outro lado, em vários momentos e em circunstâncias especiais, escrevi sobre a figura de Sérgio e, por isso, é quase impossível não me repetir. Por mais que procure uma nova abordagem, é difícil fugir daquilo que mais me tocou durante a longa convivência com aquele homem excepcional. Ele foi, sem dúvida, um modelo para muita, muita gente que, com ele, aprendeu a gostar da História. Mais do que isso, ele ensinou sempre a ser crítico acima de tudo. Um crítico severo, mas não somente dos documentos onde buscava suas fontes para, sobre elas, escrever; um crítico da sociedade em que vivemos e sobre a qual precisamos a devemos atuar, enquanto agentes da sociedade civil, nem sempre atenta às mazelas do poder. É sobre a figura humana desse ‘Mestre’ excepcional que tentarei escrever. Também, é uma tarefa nada fácil.

Sérgio Buarque de Holanda começou a fazer parte da minha vida no ano de 1957, quando prestei meu primeiro vestibular na Universidade de São Paulo. Queria ser professor secundário de História e, as regras da época exigiam a qualificação universitária para poder prestar concurso e ingressar na carreira. Isto aconteceria somente em 1961, quando completei o curso de História. Mas, ainda em 1957, vi o já consagrado escritor defender a sua tese da cátedra, na rua Maria Antonia, no Salão Nobre, completamente lotado. Era um, dentre muitos alunos, que ficara atento ao

ritual todo, belo e assustador ao mesmo tempo. O meu futuro mestre, nesse tempo eu nem sabia se seria aluno do Departamento porque não passara no vestibular, esbanjava conhecimento e demonstrava toda sua erudição. Era, desde então, o homem, o escritor, o crítico que não necessitava da Instituição, antes a USP precisava dele. E assim foi até sua aposentadoria.

Depois desta vivência de uma defesa de tese tão concorrida, perdi o contato com o autor da *Raízes do Brasil*.

Em 1958, quando comecei a freqüentar as aulas do Departamento História e, em decorrência, comecei a conviver com tantos historiadores altamente qualificados, reencontrei o professor Sérgio Buarque de Holanda. Era um tempo diferenciado e a rua Maria Antonia facilitava o encontro constante entre alunos novatos ou veteranos e seus professores. Quando falo “Maria Antonia” estou me referindo à rua sim, mas especialmente aos edifícios que abrigavam a nunca esquecida Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era um tempo especial, se não excepcional para a História. A disciplina vivia um de seus melhores momentos e não só nas grandes Instituições, como é a tendência atual. Quase todas as Faculdades e Universidades tinham um bom curso, com bons professores, mas também ocupava o ensino de História um espaço considerável no então Ensino Secundário ou Médio. O Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP era composto pôr pessoas de grande competência e outras de um potencial indescritível. A USP, a Faculdade de Filosofia, o Departamento de História contavam com profissionais que mostraram, ao longo do tempo e apesar de todos os obstáculos, a que vieram e porquê vieram, já notáveis e consagrados, ensinar os novos estudantes a neles inculcar a idéia de pesquisar e ensinar. Além dos notáveis brasileiros, quantos mestres europeus vieram ajudar a USP a se tornar um centro incomparável no domínio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Desde os primeiros momentos como estudante universitário entendi a importância do saber de verdade na vida de quem pretendia ser um bom professor. Creio que foi de Richard Morse que ouvi, pela primeira vez, em uma das suas primeiras visitas ao Brasil a convite de Sérgio, a afirmação de que “o poder, no futuro, estaria nas mãos de quem soubesse”, pois dizia ele “saber é poder”. Mas foi Sérgio Buarque de Holanda quem

me mostrou, com paciência própria de quem sabe, como pesquisar e aprender e, pôr consequência, saber. Ser seu aluno desde o curso de graduação e ter feito a minha carreira com a orientação dele foi, sem dúvida, um privilégio.

Eu senti nele o ser humano que era e o professor, de fato, desde os primeiros contatos. Nada tinha do professor tradicional. As aulas não eram bem preparadas e muito menos organizadas em fichas ou com recursos tecnológicos. Não precisava nada, além de sua memória e cabeça privilegiadas. Não seguia nenhuma das novidades pedagógicas do momento. Era o oposto de tudo quanto eu tinha aprendido na minha formação de professor primário (e todos sabem do meu orgulho pôr ter me formado numa Escola Normal e como considero importante, ainda hoje, ser ‘normalista’). A postura de mestre Sérgio começou pôr me encantar, embora em certos momentos, sentisse muito a ausência de um bom método, melhor organizado e estruturado e chegasse, até a ter a ousadia de pensar em criticar o Mestre pelo “desajeito” daquele professor, que tanto divagava, dificultando-me acompanhar a sua linha de pensamento. Mal sabia eu que o tanto que divagava era o quanto conhecia e a sua inquietação pela busca da palavra mais correta, a melhor adaptada acabaria sendo o encanto da sua maneira de ensinar. E mais, erudição não se ensina, pois ela é parte integrante da quem tanto sabia a tanto conhecia como Sérgio Buarque de Holanda. Não era fácil, principalmente para alunos que como eu, tinham falhas gritantes de formação. Não se pode esquecer que eu me formara no interior. Acompanhar Sérgio nunca foi fácil... Perdia-se, e quantas vezes, “o fio da meada” e para reencontrá-lo era necessário muito esforço e “longas noites universitárias”, momentos em que sós ou em grupos espontâneos mas organizados procuravam nos apontamentos de sala de aula as linhas mestras do pensamento do professor e, a partir delas, buscavam na bibliografia sugerida pôr ele tudo aquilo que faltava. Apesar de nossas dificuldades de estudante, nem sempre preparados, Sérgio era sempre um Professor. Dentro da sala de aula, nos corredores da Maria Antonia, nas escadarias dos prédios da Antiga Reitoria, na cidade universitária ou no sempre moderno prédio da Geografia e História (hoje Edifício Eurípedes Simões da Paula - outra figura inesquecível dos meus tempos de estudante e professor) - subindo ou descendo as rampas ou escadas - ele estava sempre atendendo alguém, ouvindo, falando, ironizando, mas sempre ensinando.

Foi, sem dúvida, um MESTRE. Também não deixava de ser o professor naquela saudosa sala de estar da casa tão bonita e acolhedora da Rua Buri, ali no bairro do Pacaembu, onde, sentado no seu sofá predileto, passava horas e horas a nos falar sobre seus temas preferidos da História, abrindo caminhos para nossas pesquisas. Não deixava nunca de mostrar também que para ser professor e pesquisador não é necessário ser sisudo, triste ou amargurado. Pode-se ser um compenetrado pesquisador e um competente professor e ser alegre, cantar, rir e ironizar com a sabedoria dos que amadurecem sem envelhecer. Nunca senti Sérgio Buarque de Holanda velho... A sua vitalidade e a sua vontade de fazer, o trabalhador incansável de que fala Maria Odila, o trazia para a vida, fortalecia sua vontade e, ao mesmo tempo, ensinava que viver era bom e viver bem era muito melhor. Era um crítico, como já disse, sempre com o pé na realidade, nunca um pessimista. Acreditava nas mudanças e as via como necessárias. Não só pregava contra as injustiças, mas participava das lutas contra elas. Quanto ensinou somente por suas atitudes a posições, nem sempre coerentes, mas inquestionavelmente honestas a corajosas. Sérgio não se omitia e, por isso, era realmente um homem que ensinava. Nunca foi o “dono da verdade”. Sempre mostrava o valor da dúvida, o papel do diálogo e o necessário benefício de duvidar.

Foi um dos primeiros professores a me chamar a atenção para a necessidade de “fazer falar” os que não tem voz. No prefácio da obra de Thomaz Davatz - *Memórias de um colono no Brasil* (1850) diz: “... Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história a são muitas vezes mais interessantes e das mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem história...” Traduzindo e introduzindo Davatz aos leitores brasileiros fez um dos imigrantes falar sobre sua condição de colono numa nova terra, tão diferente daquela com que sonhara. Mais uma vez, ao escrever, Sérgio ensinava. Aliás, ele sempre ensinava.

Sempre seguindo a orientação do Mestre, fiz o curso de Pós-graduação, a monografia de Mestrado e a tese de doutoramento, sem queimar etapas, como era possível na época. Fui um dos convidados pelo professor Sérgio Buarque de Holanda para integrar a sua equipe de assistentes. Vale falar deste momento da vida universitária brasileira e, em

especial, da Universidade de São Paulo. Era um tempo em que os catedráticos montavam seus grupos de estudo e com os componentes de equipes ‘faziam’ escolas, criavam discípulos. E Sérgio era especial, também como catedrático. Ser seu assistente foi e sempre será motivo de orgulho.

Sérgio Buarque de Holanda, também como catedrático foi Professor.

Não era o catedrático na forma clássica, era o coordenador dos estudos de História do Brasil, com o poder autêntico dos que lidaram porque conquistam e não impõem. Ele, verdadeiramente, não impunha nunca pôr sua posição hierárquica. Ele conquistava todos e cada um de seus assistentes pôr ser o homem que era. Era, de fato, um defensor da liberdade e permitia a todos nós e a cada um o exercício do papel de professor à nossa moda, seguindo sempre a orientação geral por ele oferecida, da melhor maneira que se dispusesse exerce-la, acompanhando o seu modelo ou sendo totalmente diferente ou até o oposto do que era em sala de aula. Em entrevista ao historiador Richard Graham, Sérgio afirmou que uma de suas alegrias tinha sido a de ter criado um grupo de historiadores (os seus antigos assistentes) que, cada um a seu modo, seguiu um caminho diferente, mas todos estavam ocupando posições dentro da vida universitária ou fora dela. Quem permitiu que isso acontecesse, se não o professor Sérgio Buarque de Holanda.

Mais uma coisa me parece importante ressaltar. Pensava no interesse de Sérgio pelos arquivos públicos ou particulares e, por consequência, a força pôr ele aos documentos de arquivo. Ele sempre salientava a importância da busca de elementos comprobatórios para reforçar e validar as nossas descobertas históricas. Ele ressaltava a importância de buscar o documento, como elemento de comprovação de nossas teses, e sempre que eles contradissem aquilo que julgávamos inicialmente verdadeiro, deveríamos ter a flexibilidade e a humildade de retomar os caminhos percorridos e até mesmo refazer trabalhos inteiros para que não se moldasse a História à “fôrma das hipóteses” e sim se “forjasse o trabalho” no corpo a corpo da pesquisa. Ai, também foi, como sempre, *PROFESSOR*, porque não só dizia da importância dos arquivos, mas freqüentava-os. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Cuiabá e no exterior onde a sua intuição e o seu conhecimento sugerissem a busca

documental de apoio aos seus temas, para lá ele iria, sempre trazendo novidades e com elas mudando os rumos de nossa Historiografia.

Sérgio Buarque de Holanda foi tudo isso e muito mais. Foi um ser humano muito especial e um amigo que todos gostariam e gostam de ter. Sempre companheiro e solidário vi passar pôr sua casa homens ilustres, mulheres notáveis, mas vi, também gente humilde. Ocupassem a posição que ocupassem na sociedade eram tratados, todos, da mesma maneira fidalga. Quero acrescentar, sem alusões especiais ou frases feitas, o papel de uma mulher igualmente extraordinária que é Maria Amélia, sua companheira de todos os momentos e sua retaguarda segura, amável e cuidadosa.

Não sei de quem foi a idéia da publicar, recentemente, uma obra que reúne os prefácios escritos pôr Sérgio Buarque de Holanda. Seja de quem seja, foi uma idéia muito feliz porque permitirá a muitos ler o que o grande historiador fez não somente em livros de sua área de interesse, mas também noutros campos do saber. Algumas explicações da ‘orelha do livro’ permitem, mais uma vez, pensar nesse homem diferenciado. Dela, extraio 2 trechos. O primeiro traduz aquilo que foi sempre o meu enfoque e diz: “...cada prefácio é uma aula ministrada por aquele que foi o grande mestre de muitas gerações de historiadores...”; o segundo: “... Na verdade, chamá-lo apenas de historiador é restringir o horizonte de Sérgio Buarque de Holanda, como prova a parte final deste livro que reúne prefácios para obras de literatura...”.

Da última parte do livro vou extrair trechos que, ao serem separados de seu contexto, perderão muito de sua força, mas podem também mostrar outras facetas deste homem erudito e muito criativo. Vou destacar um trecho de Sérgio no prefácio do livro de Vinícius de Moraes - ‘*O operário em construção e outros poemas*’, publicado pela Nova Fronteira, em 1979. Reproduzo uma parte que me parece dar a dimensão humana do grande historiador. Assim se expressa : “Não sei se a palavra constrangimento, no meu entender uma das mais feias desta nossa língua inculta e bela, diz bem da dificuldade que sinto ao rabiscar este pobre acompanhamento para aquilo que *is supposed to be* o melhor de sua obra poética. Outra coisa talvez fizesse, se dado me fosse voltar àquelas eras já remotas em que da vez primeira nos encontramos e nos falamos, sem haver ninguém que nos apresentasse. Há quanto tempo!?”

Trinta anos? Quarenta? Desceu-me de súbito uma inspiração do Céu. Fui dar uma rebusca no meio de meus livros antigos e tive o gosto de ali achar, muito bem encadernado, um exemplar de seu *Forma e exegese*, com dedicatória datada: novembro de 1935. Mal contados já lá vão 44 anos, mas a dedicatória, pelo jeito, é de quem já me conhecia bem. Lembro-me de que o encontro aconteceu na José Olympio - ou não teria sido na Garnier, ali bem em frente? -, você pouco mais que um ‘teenager’, mas já autor de um ou dois livros publicados, e eu apenas meio contador de histórias do Brasil, além de esforçado crítico, um tanto bissexto, e sem livro publicado. Sei também que a partir daquele dia nos fizemos amigos. Amigos, pois, de há perto de meio século, vale dizer quase amigos de infância, de amizade que nunca sofreu pausa, e que ainda guarda nítida a marca da boniteza espontânea e sem cerimôniosa do encontro primeiro, em algum lugar da rua do Ouvidor, ali a dois passos da Avenida. Nada nos separou mais, nem, a rigor, sua itinerância em longes terras, ao tempo em que você melancolicamente seguia aquela carreira, de que foi salvo graças ao malquerer de um imaginoso burocrata, mais imaginoso do que gostaria de o ser.”

Acrescento, para encerrar, fragmento de um prefácio do livro de Yolanda Penteadó, com o título significativo *Tudo em cor-de-rosa*, publicado pela Nova Fronteira, em 1976. Lá está: “Li, como se diz, de uma assentada os seus preciosos originais, e bem se pode imaginar o empenho com que os li, quando se saiba, e você sabe, do sem-número de obrigações de ofício a que andei ultimamente acorrentado e que tinha de cumprir, sem falta, no prazo escassíssimo de que dispunha antes de ausentar-me pôr uns meses de São Paulo e do Brasil. Escrevo agora quando me falta menos de uma semana para pôr o pé no estribo, digo, no avião, para me dirigir a longínquas plagas, e tudo no meio de mil apressados afazeres e imprevistos de véspera da viagem, só para tentar enfim a carta-prefácio prometida. Tentação daquelas a que dá gosto aceder, porque tentação de amizade - eu ia dizer amor -, mas que a mim também me dá uns calafrios de susto. Sim, porque para sair-me a contento, eu bem que precisaria ter vivido também na esfera maravilhosa do tudo em cor-de-rosa, que tem sido a sua, não a minha. E para portar-me como convém a um espectador e afinal cronista diligente, não direi que me falte pretensão, pois até que eu sou um bocado pretensioso, como você com certeza não ignora, mas me falta creio que exercício, e só dizer isto já não é querer dar-se importância demais?”

Pois não é como se alguém dissesse que tudo tem, que nada lhe falta, sobretudo que não falta o principal, que é talento de bem fazer e quanto ao mais só precisa de prática? É isso coisa que se haja de pensar? Ou pior, que se haja de dizer, mesmo nas entrelinhas?”

Vamos confessar, é uma delícia acompanhar este sempre jovem professor, não é verdade? Que maneira mais bonita de fazer um prefácio, escrevendo-o em forma de carta. Sérgio Buarque de Holanda continua, para este seu eterno discípulo, o grande e incomparável historiador brasileiro, porém é, também, o homem generoso e autêntico, como poucos. Uso é e não foi porque a cada releitura de um de seus livros, artigos, prefácios ou cartas aprendo com ele, ainda hoje, como se estivéssemos sentados e conversando na sua aprazível sala de visitas, ali na rua Buri, em pleno Pacaembu, na sempre agitada Paulicéia, tão cantada e decantada em verso e prosa.